

A RELAÇÃO COM O SABER: A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE BERNARD CHARLOT

META

Apresentar as contribuições da Sociologia da Educação de Bernard Charlot.

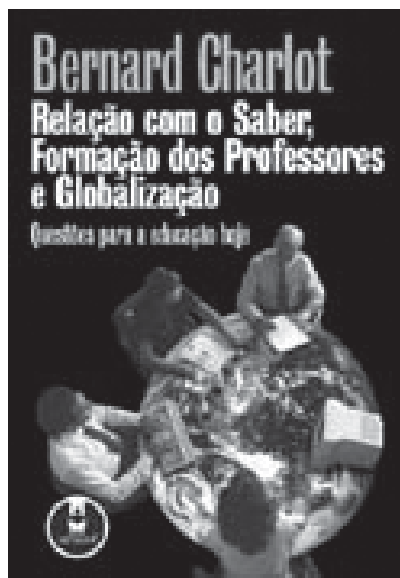
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

ser capaz de apontar às principais contribuições de Bernard Charlot à compreensão dos desempenhos a partir da noção de relação com o saber; aplicar as teses de Bernard Charlot à sua realidade escolar.

PRÉ-REQUISITOS

Domínio dos conceitos basilares da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu.



INTRODUÇÃO

A partir da leitura sociológica da Educação proposta por Pierre Bourdieu pode-se afirmar que existe co-relação entre o desempenho escolar dos alunos e sua origem social. Nesta ótica, os pesquisadores tem apontado que alunos de camadas populares, com capitais culturais distintos dos conteúdos pré-estabelecidos pelos sistemas escolares, teriam menos chances de sucesso, diferentemente dos jovens oriundos das classes médias. Entretanto, como explicar os casos de estudantes de famílias desfavorecidas dos capitais econômicos e culturais terem significativos êxitos escolares? Por outro lado, como entender os exemplos de alunos que, apesar de todas as condições favoráveis, fracassam em sua trajetória escolar? Buscando responder estas questões, Bernard Jean Jacques Charlot, elaborou o conceito de relação com o saber, que explica de forma abrangente e menos preconceituosa histórias de sucesso e de fracasso escolar. Nesta aula, faremos uma breve exposição da suas contribuições à Sociologia da Educação. Veremos como este sociólogo faz um novo recorte e se volta para o saber das classes populares. Diferentemente da perspectiva bourdieusiana, aqui o sujeito, com seus desejos, ganha importância. Charlot sugere uma leitura positiva do indivíduo, levando em conta sua história de vida, seus anseios e suas atividades cotidianas.



Bernard Jean Jacques Charlot
Sociólogo francês (1944). Entre 1987 e 2003 atuou como professor catedrático da Universidade Paris 8, onde fundou a equipe Escol (Educação, Socialização e Comunidades Locais. Radicado no Brasil, atualmente é Professor Visitante da Universidade Federal de Sergipe.



Sala de aula na Periferia de Luanda. As péssimas condições de ensino não impedem que os alunos tenham vontade de aprender. (Fonte: amauryonline.blogspot.com).

A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE BERNARD CHARLOT



Bernard Charlot (1944) (fonte: <http://www.educarede.org.br/educa>)

A produção intelectual de Bernard Charlot é marcada pela experiência prática, que lhe permitiu dialogar com teses acadêmicas mais expressivas, principalmente no campo da Sociologia da Educação. Em 1987, Charlot criou a equipe de pesquisa ESCOL (Educação, Socialização e Coletividades Locais), junto ao Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Paris VIII – Saint – Denis. Esse centro desenvolveu pesquisas que possibilitaram o quadro básico dos elementos para uma teoria da relação com o saber e se relacionou com os pesquisadores de vários países.

Na perspectiva de Bernard Charlot a Educação é a apropriação do humano por cada indivíduo, é hominização e socialização: o ser humano é sempre produzido sob uma forma socioculturalmente determinada. É um ser humano singular, absolutamente original. A Educação, desse modo, é um tríplice processo: hominização, socialização e singularização. O ser humano não se produz e não é produzido a não ser em uma forma singular e socializada. Você percebe que esta abordagem de Charlot leva em conta o sujeito. Na sua perspectiva a posição que uma criança ocupa na sociedade, a posição dos seus pais, não determinam diretamente seu sucesso ou fracasso escolar. Bem, está claro que esses produzem efeitos indiretos, não determinantes, através da história do sujeito.

Sua Sociologia da Educação empreende uma análise crítica das sociologias da reprodução que se desenvolveram nas décadas de 1960 e 1970,

como o caso da leitura de Pierre Bourdieu que você estudou na aula anterior, como ele afirma em uma de suas obras:

“A sociologia dos anos 60 e 70 analisou o fracasso escolar em termos de diferenças entre posições sociais. Assim, produziu resultados de pesquisa dos mais interessantes mas que, conforme veremos, estão longe de dar conta do conjunto dos fenômenos evocados através da expressão ‘fracasso escolar’. Além disso, foi interpretada pelos docentes e pela opinião geral em termos de origem social, de deficiências e de causalidade, o que é totalmente abusivo. Houve, assim, uma imposição progressiva da ‘leitura negativa’ do fracasso escolar e, mais geralmente, da escolaridade das crianças das famílias de categorias sociais populares” (CHARLOT, 2000: 19)

Neste aspecto, a crítica de Charlot destaca três pontos. Primeiramente, há correlação entre a origem social da criança e seu sucesso escolar. Não se pode negar essa correlação estabelecida pelos sociólogos. Correlação, porém, não significa determinismo social. Nas basta conhecer a posição social dos pais para compreender a história escolar das crianças. Como explicaríamos então o caso das crianças do meio popular que têm sucesso na escola e das pertencentes a classe média que fracassam? Em segundo lugar, é preciso distinguir a posição objetiva e a posição social subjetiva. A primeira é aquela em que o sociólogo identifica do exterior, classificando os pais por uma escala de categorias sociais. A subjetiva é aquela que a criança ocupa em sua mente, em seu pensamento. Isto que dizer que o aluno interpreta sua posição social, do que lhe acontece na escola. Por fim, é preciso levar em conta que a sociedade é um lugar de atividades. Não se pode compreender a história escolar se não se considerar o que o aluno faz na escola (CHARLOT, 2005).

Vamos descomplicar! Por exemplo, duas crianças que pertencem a mesma família, cujos pais têm, portanto, a mesma posição social, podem obter resultados escolares diferentes. Essa constatação nos lembra que uma criança não é apenas “filho de” ou “filha de”. Ela mesma ocupa uma posição na sociedade. Essa tem a ver com os pais, mas não se reduz a ela e depende também do conjunto das relações que a criança mantém com os adultos e outros jovens. A posição da própria criança se constrói ao longo de sua história e é singular. Diante desta constatação, Charlot destaca que para compreender o sucesso ou o fracasso escolar dessa criança, essa singularidade deve ser tomada em consideração (CHARLOT, 2000).

Diante destes desafios, este sociólogo destaca que é preciso considerar que a história escolar é, ao mesmo tempo, uma história social e uma história singular (individual). Na sua perspectiva, não há oposição entre o nosso lado social e o nosso lado singular. A relação entre o social e o individual não é aditiva, mas multiplicativa. Afirma Charlot que somos 100% social, porque,

se não fossemos social, não seríamos humanos. Não podemos ser humanos sem sermos sociais. Por outro lado, somos 100% singular porque no mundo não existem nenhum outro ser humano que seja igual. Pensemos o exemplo de dois gêmeos. Embora fisicamente sejam idênticos, não são psicologicamente iguais. Deste modo, deve-se entender a história escolar de uma pessoa ao mesmo tempo em uma perspectiva sociológica, como uma história social, e uma perspectiva psicológica, como uma história singular.

Vê-se que as pesquisas dessa equipe partem de uma questão sociológica: a desigualdade social frente à escola. Esta é uma das suas contribuições à compreensão do fenômeno educacional. Para aprofundá-la leva-se em conta o sujeito e busca-se ultrapassar as fronteiras tradicionais entre a Sociologia e a Psicologia, como explicita:

“... a criança do meio popular, ao mesmo tempo, ocupa uma posição social dominada e é um sujeito, um ser de desejo, que fala, que interpreta o que lhe acontece, que age de modo mais ou menos eficaz, que tem uma história pessoal, incluída nas histórias mais amplas (da família, da comunidade, da sociedade, da espécie humana). Se se quer compreender o que ocorre na escola, quais as relações de uma criança com o saber e o fato de aprender, é preciso levar em consideração sua posição social e o fato de que é um sujeito” (CHARLOT, 2005: 50).

A partir de uma leitura positiva relativa à realidade social, Charlot busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não “o que falta” para essa situação ser uma situação de bem-sucedido. Um aluno fracassa, atrasa-se em sua escolaridade, vê-se em dificuldades na escola. Pode-se explicar a partir do que ocorreu com ele e não, apenas, a partir do que lhe ocorreu, do que não fez, do que não pensou? Procurar compreender o fracasso como uma situação que advém durante uma história é considerar que todo o indivíduo é um sujeito, por mais dominado que seja, que interpreta o mundo, resiste à dominação, afirma positivamente seus desejos e interesses, procura transformar a ordem em proveito próprio. Esta leitura recusa-se a pensar o dominado como um objeto passivo, “reproduzido” pelo dominante e completamente manipulado, até, inclusive, em suas disposições psíquicas mais íntimas (CHARLOT, 2000).

A RELAÇÃO COM O SABER

Esta revisão das teorias da reprodução levou Charlot a pensar a relação do aluno com o saber. eis sua segunda contribuição. A proposição básica desta é uma forma de relação com o mundo e com os outros, com um conjunto de significados, mas, também como espaço de atividades e se inscreve no tempo. É em termos de relação que se deve pensar, dado que o

que está em jogo é um ser vivo, um sujeito. Esse não está situado num ambiente, está em relação com um meio. Neste sentido, o mundo é dado ao ser humano somente através do que percebe, imagina, pensa desse mundo, através do que deseja, do que sente: o mundo se oferece a ele como conjunto de significados, partilhados com outros homens. A constituição deste mundo se dá pelo acesso ao universo dos significados, ao “simbólico”, local onde se estabelecem as relações entre os sujeitos e os outros, entre o sujeito e ele mesmo. Por fim, a relação com o saber é a relação com o tempo. A apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros requerem tempo e jamais acabam. Esse tempo é a história da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; a do sujeito; a da linguagem que engendrou o sujeito e que ele engendrará. Analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com os outros: a relação com o saber é relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros. Isso significa que a análise dessas relações implica compreender uma relação simbólica, ativa e temporal (CHARLOT, 2000).

Mas, quais são os temas de pesquisa daqueles que adota a noção de relação com o saber? Ao pesquisá-la se investiga relações com lugares, pessoas, objetos, conteúdos de pensamento, situações, normas relacionais, na medida em que está em jogo a questão do aprender e do saber. São analisadas relações com a escola, com os professores, com os pais, com os amigos, com a Sociologia, com os computadores etc.

Nesse aspecto, algumas questões norteiam as investigações: como acionar nos alunos mecanismos de interesse pelo saber? Como notar que relação os estudantes estabelecem com o saber escolar? Seus trabalhos apontam que quanto mais significativo for o que está sendo ensinado, mais o aluno se põe em movimento, mobiliza-se para se relacionar com aquele conteúdo. Entretanto, as investigações empíricas deste sociólogo demonstram que a maioria dos estudantes só vê sentido em ir à escola para conseguir um diploma, ter um bom emprego e ganhar dinheiro e levar uma vida tranqüila. Praticamente não há a menção ao fato de aprender. Verifica-se forte defasagem entre o discurso teórico e a realidade social.

Empiricamente Bernard Charlot desenvolveu uma pesquisa por conta da UNESCO-Brasil e do Governo do Estado de Sergipe entre 2005 e janeiro de 2006 recolhendo e analisando dados quantitativos e qualitativos para entender o que são, como vivem e o que pensam os jovens sergipanos entre 15 e 29 anos. Dentre as inúmeras conclusões apontadas por esta pesquisa exaustiva, constatou-se que existe entre os jovens sergipanos um forte disponibilidade ao estudo, a qual constitui uma valiosa jazidas de competências, de produtividade, de desenvolvimento econômico e social (CHARLOT, 2006b).

Três questões iniciais estão na base das pesquisas empíricas da ESCOL: que sentido tem para uma criança, notadamente no meio popular,

ir à escola, estudar na escola (ou não estudar), aprender e compreender? Para responder tais questões as investigações procuram identificar os processos pelos quais se constroem a relação com o saber e a escola e as lógicas que organizam esses processos. Os dados empíricos demonstram que os processos e as lógicas não se encontram com a mesma frequência nas diferentes classes sociais e que esses funcionam em histórias singulares de tal modo que a relação com o saber do sujeito não é sempre aquela que se encontra mais frequentemente em sua classe social e pode mesmo ser muito diferente (CHARLOT, 2005).

Ao analisar a relação dos alunos com o trabalho escolar a equipe da ESCOL distinguiu quatro tipos de alunos quanto ao seu relacionamento com o estudar ou com o não estudar:

1. o grupo de alunos que não se encontram nos meios populares. O estudo se tornou para eles a segunda natureza, pois aprendem a ler com quatro anos e meio e nunca deixaram de estudar. Estudam sempre, inclusive nas férias e nos finais de semana. São jovens de classe média.
2. O grupo de jovens do meio popular muito bem-sucedido na escola. No caso francês, geralmente filhos de imigrantes que demonstram voluntariedade forte.
3. O grupo de alunos que estão completamente perdidos no espaço escolar. São os candidatos a evasão. Nunca entraram na escola. Estiveram fisicamente, porém nunca entram em suas lógicas intelectuais, nas lógicas teóricas da escola.

O grupo dos estudantes que pensam em como ter a melhor nota estudando o menos possível. Eles vão à escola para aprender coisas, para ter um bom emprego mais tarde e ponto final. Esses não conseguem relacionar o bom emprego no futuro com a questão do saber, pois vivem numa lógica em que se deve sobreviver na escola, passar para a série seguinte e depois para a seguinte. Tais alunos entram na lógica da escola, não na lógica do saber. Eles se viram, estão sempre copiando algo, estudam na última semana antes da prova (CHARLOT, 2005).



Diferentes posturas em sala de aula (Fonte: <http://www.kenyafelicissimo.com.br>)

Do mesmo modo, as investigações da ESCOL abordam o que significa para um aluno *aprender*. Para muitos deles, é fazer o que o professor pede: se for bem conformadinho, obediente, terá as boas notas e passará para a série seguinte. Esses são aqueles para os quais aprender é passar muito tempo com os livros e cadernos. Nesse caso a medida do estudo é o tempo que nele se passa e não o saber que se adquire estudando. Aqui o trabalho do professor é ensinar o saber aos alunos. Se o aluno não sabe, depois que escutou, é porque o professor não fez bem seu trabalho e, por isso, é totalmente injusto que o professor atribua nota baixa ao aluno. O modelo de referência desses alunos é o do gravador. Nessa perspectiva, o ativo no ato de ensino/aprendizagem é o professor, não o aluno. Aprender na escola é ouvir e repetir (CHARLOT, 2005).

Ao tratar destas relações entramos na questão do fracasso escolar, embora para Charlot não existe este fracasso. Certamente alguns alunos não conseguem “acompanhar”, não aprendem o que devem supostamente aprender, repetem o ano ou são orientados para modalidades curriculares desvalorizadas: esses fenômenos, rotulados de “fracasso escolar”, são reais. Mas não existe algo com este nome que pudesse ser analisado como tal. Para estudá-lo, deve-se construir um objeto de pesquisa.

Com isso, Charlot parte de algumas questões fundamentais para compreender a relação dos alunos com o saber: 1) para uma criança de família popular, qual o sentido de ir à escola? 2) Qual o sentido de estudar e não estudar na escola? 3) Qual o sentido de aprender/compreender quer na escola quer fora da escola? Primeiramente, devemos identificar as razões que levaram o aluno a estudar ou não estudar. Se não estudou é evidente que não aprendeu e fracassou. Isto nos leva a outra questão: porque ele estudaria? Qual o sentido de estar na sala de aula fazendo ou recusando-se a fazer o que o professor está propondo? Qual é o prazer que ele pode sentir ao fazer o que deve ser feito na escola?

Para responder tais questões busca-se ir além da discussão sobre a desigualdade na escola. Charlot não nega que exista correlação estatística entre, por um lado, o que se chama de origem social da criança e, por outro lado, o fato de ser bem-sucedido ou fracassado na escola. De acordo com sua obra, o problema vem depois. Como se constrói essa desigualdade social? Como se pode entender o fracasso das crianças dos meios populares em uma escola que os docentes, a maioria deles desejam que essas crianças sejam bem-sucedidas e tentam, com esforço, ajuda-las? Como entender isso?



Vestibular: sucesso ou fracasso escolar? (fonte: <http://www.ufmg.br>)

Bem, estas são questões que precisam ser observadas com pesquisas empíricas e que não podem ser generalizadas. Porém, no posicionamento defendido por Charlot se um aluno fracassa na escola, não é diretamente porque pertence a uma família popular, é porque não estuda ou porque não o faz de maneira eficaz. No centro da questão do sucesso ou fracasso escolar é preciso, portanto, colocar a questão da atividade intelectual. Por que o aluno estuda ou não estuda? Por que o aluno se mobiliza ou não intelectualmente? Para que o aluno se aproprie do saber, para que construa competências cognitivas, é preciso que estude, que se engaje em uma atividade intelectual, e que se mobilize intelectualmente. Para que isso aconteça fazem-se necessárias duas condições. Primeiramente, é preciso que a situação tenha sentido para o aluno. Quando o aluno detesta a escola, ela tem um sentido para ele. É preciso, pois, que a situação faça sentido de tal forma que o induza a querer ir à escola, que o seu sentido tenha relação com a sua função específica: estudar, aprender, saber. Muitos alunos têm o desejo de saber, mas não têm vontade de aprender, de se esforçar para se engajar em uma atividade intelectual. A segunda condição que se coloca no cotidiano da sala de aula é a da atividade intelectual eficaz para se apropriar de um saber. Para ser eficaz, essa atividade deve respeitar certas normas, impostas pela própria natureza dos saberes que devem ser apropriados.

As questões da atividade intelectual, do sentido, do prazer, são as chaves do ensino na opinião de Bernard Charlot. De acordo com esse sociólogo a questão do saber é central na escola. Essa é o lugar onde os professores estão tentando ensinar coisas para os alunos e onde há

alunos que estão tentando adquirir saberes. Esta é a definição fundamental da escola. Este saber geral inclui imaginação, exercício físico, estético e sonhos.

CONCLUSÃO

Diante da Sociologia da Educação de Bernard Charlot podemos refletir quantas vezes nos deparamos com a situação em sala de aula em que alunos e alunas, mesmo nos cursos superiores, não lêem os textos, não se sentem sensibilizados quanto à importância da aprendizagem. Muitas aulas aproximam-se, inclusive, de uma peça teatral monóloga, em que se constata um esforço monumental do professor para cativar e sensibilizá-los. De fato, nestes episódios os minutos se transformam em intervalos intermináveis para docentes e discentes. Isto pode ser ocasionado pela incompetência de alguns professores, mas vale ressaltar que em parte significativa dos alunos e alunas as preocupações estão centradas apenas no sucesso obtido nas avaliações, que levaria, obviamente, a aprovação na matéria de ensino. Suas lógicas são marcadas por estudar o suficiente ou não estudar o suficiente. Constata-se a existência de uma relação mecânica, de indiferença com o saber. Diante deste quadro, atualmente um dos desafios da Educação é a recuperação do aprender e o prazer em estudar. Cada vez mais a atividade escolar precisa se apresentar de forma significativa, que seja capaz de dar prazer, que mereça o esforço intelectual dos alunos no sentido de se apropriar de diversas porções de saberes produzidos pela humanidade. A partir da noção de relação do saber não é possível fazer uma separação entre o que os processos de produção das desigualdades sociais em matéria de acesso às técnicas intelectuais, aos saberes e ao êxito escolar devem à socialização e à experiência social “não escolares” dos alunos e o que devem ao funcionamento da instituição, às práticas e representações de seus agentes, pelo fato de a experiência escolar dos alunos construir-se sempre a partir de cada uma dessas esferas de atividades, de recursos e de obstáculos, de aberturas e de pressões.

RESUMO

A Sociologia da Educação proposta por Bernard Charlot possibilita novas perspectivas sobre o fracasso e o sucesso escolar. Ao estabelecer a noção de *relação com o saber* como fundamental para compreender estes processos, Charlot não nega inteiramente a contribuição dos sociólogos que atribuíam a origem social um peso significativo no desempenho



escolar. Aqui não se constata a negação por completo das contribuições, sobretudo, de Pierre Bourdieu. Busca-se ir além dos seus limites. Embora trate do fracasso escolar, na perspectiva de Charlot ele não existe. O que temos são alunos em processo de fracasso ou sucesso. Nesse sentido, para analisarmos o fracasso escolar, devemos levar em consideração: 1) o fato de que ele “tem alguma coisa a ver” com a posição social da família – sem por isso reduzir a um lugar em uma nomenclatura profissional, nem a família a uma posição; 2) a singularidade e a história dos indivíduos; 3) o significado que ele confere à sua posição (bem como à sua história, às situações que vivem e à sua própria singularidade); 4) sua atividade efetiva, suas práticas; 5) a especificidade dessa atividade, que se desenrola (ou não) no campo do saber. Por mais interessante que seja, a análise do fracasso escolar em termos de diferença de posições não pode integrar todas essas dimensões. Bernard Charlot adota três definições de relação com o saber: 1) relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender; 2) conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com o “aprender” e o saber; 3) conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, etc., ligados de certa maneira com o aprender e o saber.

ATIVIDADES

Ao final desta leitura, proponho algumas questões para você refletir:

1. De que forma a noção de relação com o saber poderia auxiliar à compreensão da sua relação com o curso que estuda na UAB?
2. Nos estudos desenvolvidos relativos a sociedade francesa a equipe da ESCOL identificou quatro tipos de alunos e suas relações com o saber? Em qual daqueles tipos você se enquadraria?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder tais questões, recomendo que você elabore uma autobiografia, destacando a relação que você e sua família estabelecem com a Educação, o que você pretende cursando este curso e destacando o que representa *aprender*. Após a elaboração do texto, o mesmo seria lido e discutido com alguns colegas da sua turma.



PRÓXIMA AULA

A Sociologia da Educação no Brasil.



AUTO-AVALIAÇÃO

Caros alunos e prezadas alunas, vocês são capazes de diferenciar as explicações de Bourdieu e Charlot frente ao desempenho escolar? São capazes de perceber como a noção de relação com o saber poderia auxiliar à compreensão da suas relações com o curso que estudam na UAB?

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8,, jul./dez. 2002, p. 432-443.

_____. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

_____. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidade e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, jan./abr. 2006, p. 07-18.

_____. **Jovens de Sergipe**: quem são eles, como vivem, o que pensam. Aracaju: UNESCO/Governo do Estado, 2006b.

ROCHEX, Jean-Yves. A noção de relação com o saber: convergências e debates teóricos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 637-650, set./dez. 2006.